

A CARTA DE TOLOSA – PARTE II

META

Passar para estudo a segunda parte da Carta de Tolosa, demonstrando o modo de viver do missionário Gaspar Lourenço em Sergipe.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: conhecer e explicar o conteúdo da carta de Tolosa; saber explicar o mundo de pertencimento dos missionários jesuítas em Sergipe.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado a primeira parte da Carta de Tolosa.



Carta de Tolosa- parte II (Fonte: <http://www.iaracaju.infonet.com.br>).

Caro aluno ou querida aluna: seqüenciando a análise da carta escrita pelo padre Tolosa, que trata do desbravamento das matas sergipanas e da catequese dos índios pelos emissários da Companhia de Jesus, continuamos a estudar o mundo de pertencimento dos jesuítas, que vieram para o Brasil na metade do século XVI.

INTRODUÇÃO



Jesuítas ensinando as crianças indígenas, (Fonte: [http:// www.eb23-diogo-cao.rcts.pt](http://www.eb23-diogo-cao.rcts.pt)).

A carta de Tolosa registra vários momentos do sucesso do empreendimento de Lourenço e Solônio na região do Rio Real e adjacências. Segundo Tolosa, Lourenço edifica a igreja de São Thomé – a primeira de sua missão nas aldeias indígenas do rio real, no solo sergipano. Uma cruz, em seguida, era erguida de “alguns oitenta palmos”. Ela é novo símbolo na cultura dos primeiros habitantes e “velha conhecida” da cultura jesuíta. A igreja e a cruz começaram a marcar o território indígena.

CARTAS JESUÍTAS

Uma cultura imaterial emerge no cotidiano dessa primeira gente do Brasil, concomitante com a “invasão” de traços da cultura material dos jesuítas. Antes e depois de edificar a igreja e a cruz, Lourenço – falando muito bem o tupi – procurava transformar o indígena num homem novo “civilizado”, de acordo com o Concílio de Trento. A inauguração da igreja e da cruz tornava-se um dos momentos mais edificantes onde ocorria essa sujeição dos valores cristãos na cultura tupinambá. A Cruz era erguida com muita pompa. Em seguida, um ritual festivo tomava conta da missão jesuítica na aldeia: rezas, cantos, pregações, procissões de crianças com ramos na cabeça e diversas outras formas de incentivar a piedade. Esse espetáculo teria de causar comoção na aldeia. O evento deveria deixar os espectadores comovidos. Vejamos o que escreveu Tolosa na inauguração da cruz na missão de São Thomé: “... toda a gente espantada com ver a veneração, com que a haviam levantado”.

As pregações dos missionários, sobre a doutrina católica, o ensino do catecismo e o cumprimento dos sacramentos, principalmente o batismo corroborava, de igual maneira, para espalhar sutilmente uma maneira de ser gente, de ser índio civilizado. O cristianismo entrava paulatinamente no cotidiano dos primeiros habitantes.

Parta da carta de Tolosa nos informa que os principais (os chefes das aldeias) do rio São Francisco e também de outras partes almejavam a visita dos missionários em suas aldeias. Observe que a intenção do autor é chamar a atenção da fama de Lourenço entre os nossos primeiros habitantes e, sobretudo, deixar claro a expan-

são positiva da companhia de Jesus em solo sergipano, na direção do rio Real ao São Francisco, de sul a norte.

Todavia, o receio aos ataques indígenas também aparece como ponto de destaque da Carta de Tolosa. Os missionários estavam desconfiados dos principais da região do Rio São Francisco. Tolosa destaca a estranha insistência do índio Curubi. Diz a carta: “pediu com muita instância que fosse a residir em sua aldeia”. Em outro texto, de igual maneira, o autor aponta: “... o Curibi não pode descansar, até não trazer o padre...”. Revela o autor que a princípio Curubi queria “quebrar o pescoço do padre na presença de todos”. “Todos temiam”- escreveu Tolosa- “porque em os tempos passados tinha morto alguns brancos”.

Percebeu por que o autor destacou o estranhamento do comportamento de Curibi e da revelação das intenções desse principal em querer “quebrar a cabeça do padre” diante de todos? Parecida desconfiança dos jesuítas mencionamos também no item 4 da lição anterior.

Tolosa procura edificar o talento de Lourenço em apaziguar os ânimos dos mais exaltados. “deitou o padre uma prática por grande espaço com tanta eloquência e fervor que deixou o índio espantado e não saber o que responder”.

Mas, era Lourenço obteve somente sucessos em suas práticas e ações cotidianas nas missões? O domínio cristão de sul a norte de Sergipe ia de “vento em popa”, como diz a linguagem popular? Seria correto afirmar que os missionários tinham tanto sucesso assim como a carta quer transparecer?

È interessante também perguntarmos: por que da edificação dos feitos de Lourenço? Qual o motivo que leva Tolosa a tanto evidenciar a eficácia do trabalho desses missionários? Por que exaltar o sucesso da missão dos jesuítas na região do rio Real? Divulgar tal sucesso interessava a quem?

São pertinentes tais questionamentos.

Vamos começar respondê-los e reproduzi-los de outras formas nos próximos itens e lições.

Algumas atitudes contrárias a expansão da cristandade começam aparecer em outras partes da carta. Uma frase interessante que

devemos destacar é a seguinte: “... não era outra coisa senão homem que o Padre era, terror do homem, que elle haverá sido causa de todo seu mal...”. Esta frase foi supostamente dita por alguém que representava a “resistência” a expansão dos jesuítas naquela região em direção ao norte de Sergipe. Tolosa chamou esse “alguém” de “outros”, possivelmente serem “outros principais”.

Lourenço é visto como “homem”, no sentido de ser mais um colonizador, de conduzir os índios para a escravidão, de fazer „o mal”. Ele não aparece no sentido de ser um aliado, um benfeitor dos índios.

A saída em massa das aldeias para não receber Lourenço e os demais missionários foi uma outra atitude contrária a expansão das missões, Vejamos a frase: “desamparam suas aldeias e se foram a morar pela terra dentro...”. Estas frases apontam as resistências e nos sugere pensar aqueles que aceitavam as missões.

Destaquemos alguns aspectos:

1. Se alguns principais percebiam Lourenço como “homem”, há os outros principais que o via como “missionário”, em outras palavras como protetor.
2. Havia as aldeias para receber o missionário como existiam as que migraram recusando-o.

Pensemos mais um pouco sobre os exemplos de atitudes de resistências que a carta registra. Será que Lourenço quer expor essas resistências como exceções, como ações de uma minoria? De novo estamos retornando as indagações acima. De fato podemos acreditar que as resistências eram de uma minoria?

Tolosa dar sinais na carta que sim. Ele dar exemplo da divisão entre os que resistiam aumentando os “aliados”. Entre os “resistentes” havia aqueles que desistiam “alguns se separaram do principal, se vieram a meter com os nossos, que devem ser os que Deus escolheu para bem-aventurança”.

Voltemos a fazer referência ao sacramento do batismo, conforme iniciamos no texto I, da lição anterior.

O batismo em enfermos constituiu uma das atividades mais importantes dos missionários. Num dos trechos da carta existe o

destaque de três batismos. O autor sempre frisa no final que depois de batismo o enfermo foi a “pouco gosar do seu creador”.

Essa atividade missionária não deixava também de ter uma pedagogia voltada para a educação cristã. Por detrás do ritual de batismo do enfermo havia toda uma pompa “que tornou todos os gentios atônitos vendo aquilo”.

Observe atentamente quem é que chamava o padre para o batismo do enfermo. Tolosa quer dizer que era o próprio índio que chamava o missionário para batizar seu parente ou conhecido em estado terminal de vida.

Retornemos a a questão das atitudes daqueles que eram contrários a expansão da cristandade, as missões de Lourenço e seus companheiros.

Na carta há um nome específico para denominar o que atrapalhava a “obra” dos inacianos: o “demônio”.

Espero que você tenha recordado o que falamos sobre a crença do domínio do demônio no mundo e o que se tornava necessário fazer para combatê-lo. O demônio é destacado como aquele que começava “tirar-lhe as almas da bocca”, “senhoreava”, “levantava tempestades” e “se urdia”.

Existiam vários meios de o demônio agir entre os índios, escreveu Toloza. Um era estimulá-los a fazer. Outro, pregar que os padres tinham por costume “ajuntar os índios, fazer-lhes alegria e depois, captivá-los e entregá-los aos brancos”.

Num dos trechos da carta há também a citação de outros meios que o demônio agiu para impedir a “obra”. Tolosa refere-se que brancos vindos com os padres estavam a serviço do demônio.

Mas porque o destaque do inimigo chamado “demônio”?

Tolosa ao referir na carta que há “bons princípios da conversão dos gentios” assinala o que pretendia expressar neste item da carta que trata da notificação sobre o “inimigo” das missões. Assinala nesta frase o avanço dos trabalhos dos jesuítas.

Idem quando se referiu que “nem aquilo havia de ser bastante para deixá-los.” Esta frase dita por Lourenço em referência ao que

ocorreu com a morte dos maridos das índias da aldeia Santo Antônio, quer dizer que nem nas dificuldades os missionários desistiam. Eles aparecem como aguerridos a causa como soldados da companhia de Jesus a serviço da cristandade.

O texto acima foi baseado em sete pontos de destaques retirados da carta de Tolosa. Vejamos esses destaques na segunda parte dessa carta.

CARTA DE TOLOSA - PARTE II

Chama-se a Igreja de S. Thomé, o apóstolo, e fizeram junto della casa que morassem e pudessem ter concerto religioso e de alli a poucos dias levantaram uma cruz de alguns oitenta palmos, mui formosa, e que ficou toda a gente espantada com ver a veneração, com que a haviam levantado. (1) O principal daquela aldeia, quando se viu sem Igreja levantou as mãos para o céu, dizendo: bendito Sr. Deus que vejo já em inteira gloria isto é o que desejava. Pesa-me do tempo passado. Logo começou o padre a ensinar-lhe a doutrina pela manhã, a tarde e a noite. Um índio de nossas aldeias ia tangendo a campainha por toda a aldeia e assim acodiam muitos distantes da casa, donde o padre os ensinava as cousas de nossa santa fé e o irmão tomou cargo da escola dos moços, que foram a principio cinquenta e depois chegaram até cem e em breve tempo sabiam as orações e a um que principalmente residiu com os índios, por que para elles principalmente era enviado, acudia também com alguns brancos que estavam de alli a algumas seis léguas, consolando-os com dizer-lhes missa e confessando-os e um dia volvendo para esta aldeia de S. Thomé os consolou Deus Nosso, porque estando em roda della, ouviram grandes vozes diante da casa, onde moravam e era uma moça da escola de S. Sebastião que o padre havia deixado, para que vigiasse pelas casas e que estava ensinando a doutrina aos meninos da aldeia e depois os fazia persignar e santificar por si a cada um, e isto fez todo o tempo que estiveram ausentes, que foram nove dias.

Teve em estes dias muitas vezes dos principais do Rio de São Francisco e de outras partes; (2) todos vinham pedir ao padre que os fosse visitar e fazer igrejas em suas aldeias e o principal de todos foi um índio chamado por estas partes Curubi, do qual todos se temiam, porque em os tempos passados tinha morto alguns brancos e numa havia podido aceitar sua amizade; este em sabendo que o padre havia chegado áquela aldeia, logo o enviou a visitar por um irmão seu, pedindo-lhe com muita instancia que fosse a residir em sua aldeia, e dando conversa ao irmão para que o levassem em uma rede ao que elle não quis ir, que não era bom estar com aquella ruim gente, isto dizia porque de mil almas que havia naquella aldeia de S. Thomé as quinhentas eram escravas, que em tempos passados foram de seus senhores, que estão aculhidos, dizendo que haviam sido soltos. Despedio o padre a este índio dando-lhe esperança que o iria visitar, mas o Curubi não poude descansar, até não trazer o padre com alguma gente de sua aldeia; foi de todos muito bem recebido e diante de todos deitou o padre uma pratica por grande espaço, com tanta eloquência e fervor que deitou o índio espantado a não saber que responder ... e assim se despedio sem fazer mais palavras. Daqui tomaram ocasião a gente da aldeia a dizer entre si que não havia entrado em a aldeia com boa intenção, sim com desejo de quebrar a cabeça do padre adiante de todos, e havia alguns que estavam esperando; agora será; mas as obras mostraram que não foi esta sua intenção, sim que ficou tão confundido com a pratica do padre e tão atado de pés e mãos, olhando-o e dizia que não podia mais fallar e assim se tornou para sua aldeia. (3)

Outro principal enviou em busca do padre um índio; o padre respondeo que então não podia ir; pois envia o irmão de tua companhia. Deu-lhe o padre razão que não se podia fazer. Respondeu o índio; já que não vás, nem envias nada, dá-me uma carta tua para que leve comigo, e assim foi forçado o Padre dar-lhe carta para contentá-lo. Este índio pelas aldeias por onde passava ia pregando que ia em busca do padre, porque onde estava nem conheciam quem era, nem sabiam estimar e que alguns tocava Deus o coração para

recebê-lo de boa vontade. Outros também em sabendo que ia o Padre, desampararam suas aldeias e se foram a morar pela terra dentro e a uns o Padre enviou muitos recados dizendo-lhes que não temessem, porque vinha para dar remédio a suas almas; mas com isso mais se endureciam, dizendo que não queriam Igreja, sem o que haviam de mostrar aos padres e aos brancos e não só não recebiam os padres mas enviavam recados a outras aldeias que de nenhuma maneira os recebessem, dizendo que as Igrejas não eram para filhos de principaes, sim para apoucados e baixos e que não era outra cousa senão homem que o Padre era, terror do homem, que elle haverá sido causa de todo seu mal, todavia alguns se separando do principal, se vieram a meter com os nossos, que devem ser os que Deus escolheo para bem-aventurança. (4)

Alguns baptismos fizeram em pessoas que estavam em extrema necessidade (por que as demais deram ordem que não baptizassem, até estar a terra pacífica e ellas bem instruídas nas cousas de nossa



Índio recusa ensinamento cristão (Fonte: <http://www.swissinfo.org>).

santa fê) que ficaram disto tão consoladas que todo trabalho que levaram todo caminho lhes parecia nada, vendo já dar remédio a algumas almas que custaram sangue do filho de Deus que parece, não aguardavam outra cousa senão a ida dos padres para ir a gozar de um creador.

O primeiro baptismo foi de uma vida que estava já para expirar e vendo-a um índio Tapuia que ia em companhia do padre que apenas sabia fallar a língua, veio correndo para onde estava o padre, varrendo a casa onde haviam de morar, dizendo-lhe: vem padre, que a vida de fulano está para morrer.

Deixando tudo que tinha entre as mãos, foi logo o padre e baptisou-a com a salvação acostumada, e que tornou todos os gentios attônitos, vendo aquilo, poz-lhe o nome de Maria, e d'aí a pouco foi gosar de seu creador.

O segundo baptismo foi de uma velha, que toda vida havia andado entre brancos e nunca tinha sido baptisado; visitando o padre a aldeia a achou já a cabo e depois de bem instruída nas cousas de sua salvação a baptisou com muito conselho e d'ahí a poucos dias foi gosar de seu creador. O terceiro foi de outra índia mui enferma

e estando o padre fallando nas cousas de sua salvação, o marido tinha já preparado para o baptismo e ella com o grande desejo que tinha de baptisar-se, se levantou da rede que estava muito enferma; baptisou-a o padre e d'ahí a poucos dias se foi a gosar ele seu creador. Estas foram as premissas do Rio e estas me parecem hão de ser os patronos d'aquella christandade, Depois baptisou o padre outros quatorze innocentes, por estarem enfermos e temer que morressem sem baptismo. (5)

Estando as cousas desta maneira, vendo o demonio tão bons princípios na conversão daquelles gentios e que já começavam tirar-lhes as almas da bocca nas quaes tantos annos senhoreavam, começou a levantar as tempestades acostumadas para impedir esta

obra; usou de diversos meios. O primeiro foi logo a principio. Antes que o padre partisse para o Rio Real, foram seis índios com suas mulheres da Aldeia de Santo Antonio adiante d'elle, sem sua licença e alguns índios do Rio Real pouco affeiçoados a Igreja, mataram, comeram e tomaram suas mulheres por mancebas.



Um jesuíta ensinando uma índia

Isto urdia o demônio, para que se travasse guerra e desta maneira se impedisse a christandade; mas o padre não suppoz nada disto até estar no Rio Real, onde vendo as mulheres que pouco antes havia casado perguntou: que é de vossos maridos? Responderam chorando estas índias: mataram. Estavam alli alguns principais e disse o padre: enfim que matastes seus filhos e os comestes e sabendo que eu vinha ensinar-lhes causas da nossa salvação.

Os que não tinham culpa, escusavam-se, mas o padre dissimulou o melhor que poude, dizendo que nem aquilo havia de ser bastante para deixál-os, tomou as mulheres aos índios que os tinham e deo cuidado dellas a um índio de Santo Antonio e desta maneira ficou o demônio frustrado em que desejava. Outro meio foi pelos próprios índios escravos daquela aldeia, por um delles começou a pregar que os nossos tinham por costume ajuntar os índios, fazer-lhes alegria e depois captivál-os e entregál-os aos brancos. Outro escravo que fugiu dos brancos, foi-lhes dar as mesmas novas, dizendo que bem os haviam dito e que não se fiassem nos brancos e que havia já chegado um barco com artilharia para seu senhor, e o mandou o ajudasse a atirar, mas eu não quiz, disse elle, e assim breve vereis como dão em nós e sereis todos presos e captivos.

Acerescentou-se a isto que uma índia, estando os índios bebendo, que é o tempo em que ella consultou suas guerras, ouviu os dizer. Se os brancos não derem guerra, mataremos nós outros primeiros e fez-se a um índio principal que morava com o padre, e disse-lhe; os índios estão em concerto de matal-os esta noite, e o Curubi entra neste elleito.

Deo logo conta disto ao padre e ao que os índios com as más novas estavam não com medo dos brancos, quasi todos prontos em armas, e alguns moços discutiram depois que tinham isto determinado entre si que se os brancos viessem sobre elles, que se haviam de metter todos em a igreja e dizer-lhes: não nos captiveis, porque já somos filhos de Deus e temos igreja; mas não era menor o medo que tinham os nossos especialmente dos outros brancos, que

estavam na companhia do padre, porque diziam estar desapercibidos, porque não sabemos o que há de acontecer; um delles fugiu aquella noite, com medo e foi dar rebato ao capitão que estava seis leguas d'alli, dizendo que os índios estavam levantados e queriam matar os padres e como em estas novas commumente se acrescenta, logo nos vem recado desta cidade que os padres dão já em corda para comel-os e toda cidade estava alvoroçada com isto, mas em breve tempo se soube a verdade.

O Padre como vi os índios com aquelles medos e enganados com mentiras, chamou os principaes e disse-lhes: esta fama ahi, que nos quereis matar si isto é assim, seja esta noite, antes da manhã; isto é o que desejamos, para isso viemos, e elles então descobriram a verdade: que aquelles escravos lhes haviam dado aquellas más novas, mas que não tinham propósito de fazer mal a ninguém que lhes sabiam que eram mentiras e com isto se despediram do Padre. Mas aquella noite foi muito trabalhosa, assim para os Indios, como para os brancos pelo medo que todos tinham da morte.

Quando o branco fugiu acrescentaram tambem que o Padre tinha fugido; algumas gentes suas devotas ajuntaram-se muito sentidas a consultar o que havia. Uns diziam: vamos em sua busca, não o deixemos ir.

O principal desta aldeia chamado Pepita disse a sua mulher: Si o Padre fugiu tomemos nossas redes e vamos com elle. Outros vieram a noite ver si os padres estavam em as redes e quando os viram ficaram muito allegres. Outros diziam: dormamos junto dos padres, si alguns os vierem matar morreremos também com elles. Também desta vez ficou o demônio burlado, porque os índios ficaram mais confirmados na paz, e entenderam que o Padre pregava era verdade e o que os escravos diziam era mentira.

O posterior meio que tomou o demônio para impedir esta obra, foi não menos eficaz que os passados, e nasceu dos próprios brancos que o Padre levou em a sua companhia e aqui já o tinha feito muito boas obras porque como estas commumente diziam, mas os gentios ver os escravos que... e isto pretendem quando vem entre elles remediar sua pobresa ao em que perdem suas almas r

como os padres, onde quer que estejam sempre os vão ... aos saltos que fazem ... fal-os resgates injustos, enganando os índios, fazendo-os vender seus filhos e parentes e como também os estorvam os pecados que entre elles fazem, como é tornar-lhes suas mulheres e filha por mancebas, esta foi a occasião para dirigir e escrever ao Governador muitas cousas contra os padres, que não cabiam nelles, e eles mesmos diziam; vos outros sois causa, porque nós outros somos pobres. Deo-se a isto tanto credito que não faltou quem dissessem que enviasse logo o chamar o Padre Gaspar Lourenso, porque havia cousas porcas que elle merecia ser cosido em um caldeira. Eu entendo esta manhã que o demonio não desejava outra cousa senão ver os padres fora.

Dissimulei o melhor que pude, dizendo que costumava sempre dar uma orelha aos padres, que eu havia de enviar prestes o padre Luiz da Grãa para ajudar aquella christandade e assim me informaria da verdade e assim foi, porque o Padre depois que foi visitar aquellas partes me escreveo estas palavras: todos certificam o contrario do que se escreveo do Padre Gaspar Lourenso as-



Tropas do rei chegando a área indígena (Fonte: <http://www.lepanto.com.br>).

sim pela bondade de Nosso Senhor nada aproveitaram aos demônios as invenções que buscam para impedir a christandade e em que nunca cessa de buscar ardis, como aconteceu agora, que escreveram os mesmos á câmara desta cidade muitas cartas, dizendo que os Padres eram impedimento que os escravos não voltassem aos seus Senhores e assim veio a câmara com todos seus officiaes a dar-me queichas delles, dizendo-me que os padres impediam as cousas do serviço de Deus, que puzesse remédio a isto. E deram a entender que dariam guerra aquella terra, e que ia pôr os padres em perigo de vida; mas claramente mostrei-lhes que o haviam escripto era falso. Mas com tudo isto como a obra é de Deus, confiança tínhamos que nos defendesse. E no tempo em que o padre residio nesta aldeia, se fizeram algumas procissões

solennes, enramando a Igreja e as casas, e algumas vezes tinham disciplina todos os christãos, por bom espaço pela conservação dos gentios. Em uma procissão, vendo um gentio que iam os círios diante da cruz, foi correndo a sua casa e achou uma candeia, e ascendeo-a, e pôs-se também juncto da cruz, em que mostrava sua simplicidade; outros índios estando na Igreja e vendo a imagem do crucifixo estiveram muito tempo de joelhos vendo-a, e um índio desta aldeia os ensinava o que sabia e entendia. (6)

NOTAS SOBRE A SEGUNDA PARTE DA CARTA DE TOLOSA

(1) Lourenço edifica a igreja de São Thomé – a primeira de sua missão nas aldeias indígenas do rio real, no solo sergipano. Uma cruz, em seguida, era erguida de “alguns oitenta palmos”. Ela é novo símbolo na cultura dos primeiros habitantes e “velha conhecida” da cultura jesuíta. A igreja e a cruz começaram a marcar o território indígena.

Uma cultura imaterial emergia no cotidiano dessa primeira gente do Brasil, concomitante com a “invasão” de traços da cultura material dos jesuítas. Antes e depois de edificar a igreja e a cruz, Lourenço – falando muito bem o tupi – procurava transformar o indígena num homem novo “civilizado”, de acordo com o Concílio de Trento. A inauguração da igreja e da cruz tornava-se um dos momentos mais edificantes onde ocorria essa sujeição dos valores cristãos na cultura tupinambá. A Cruz era erguida com muita pompa. Em seguida, um ritual festivo tomava conta da missão jesuítica na aldeia: rezas, cantos, pregações, procissões de crianças com ramos na cabeça e diversas outras formas de incentivar a piedade. Esse espetáculo teria de causar comoção na aldeia. O evento deveria deixar os espectadores comovidos. Vejamos o que escreveu Toloza na inauguração da cruz na missão de São Thomé: “... toda a gente

espantada com ver a veneração, com que a haviam levantado”. As pregações dos missionários, sobre a doutrina católica, o ensino do catecismo e o cumprimento dos sacramentos, principalmente o batismo corroborava, de igual maneira, para espalhar sutilmente uma maneira de ser gente, de ser índio civilizado. O cristianismo entrava paulatinamente no cotidiano dos primeiros habitantes.(2) Nessa parte Tolosa nos informa que os principais do rio São Francisco e também de outras partes almejavam a visita dos missionários em suas aldeias. Observe que a intenção do autor é chamar a atenção da fama de Lourenço entre os nossos primeiros habitantes e, sobretudo, deixar claro a expansão positiva da companhia de Jesus em solo sergipano, na direção do rio Real ao São Francisco, de sul a norte.

(3) Os missionário estavam desconfiados dos principais da região do Rio São Francisco. Tolosa destaca a estranha insistência do índio Curubi. Diz a carta: “pediu com muita instância que fosse a residir em sua aldeia”. Em outro texto, de igual maneira, o autor aponta: “... o Curibi não pode descansar, até não trazer o padre...”. Parecida desconfiança dos jesuítas mencionamos também no item 4 da lição 13.

Revela o autor que a princípio Curubi queria “quebrar o pescoço do padre na presença de todos”. “Todos temiam”- escreveu Tolosa- “porque em os tempos passados tinha morto alguns brancos”, Percebeu por que o autor destacou o estranhamento do comportamento de Curubi e da revelação das intenções desse principal em querer “quebrar a cabeça do padre” diante de todos? Tolosa procura edificar o talento de Lourenço em apaziguar os ânimos dos mais exaltados. “deitou o padre uma prática por grande espaço com tanta eloquência e fervor que deixou o índio espantado e não saber o que responder”.

Mas, era Lourenço obteve somente sucessos em suas práticas e ações cotidianas nas missões? O domínio cristão de sul a norte de Sergipe ia de “vento em popa”, como diz a linguagem

popular? Seria correto afirmar que os missionários tinham tanto sucesso assim como a carta quer transparecer?

È interessante também perguntarmos: por que da edificação dos feitos de Lourenço? Qual o motivo que leva Toloza a tanto evidenciar a eficácia do trabalho desses missionários? Por que propagandear o sucesso da missão dos jesuítas na região do rio Real? Divulgar tal sucesso interessava a quem?

São pertinentes tais questionamentos.

Vamos começar respondê-los e reproduzi-los de outras formas nos próximos itens e lições.

(4) Algumas atitudes contrárias a expansão da cristandade começam aparecer nesta parte da carta. Uma frase interessante que devemos destacar é a seguinte: “... não era outra coisa senão homem que o Padre era, terror do homem, que elle haverá sido causa de todo seu mal...”. Esta frase foi supostamente dita por alguém que representava a “resistência” a expansão dos jesuítas naquela região em direção ao norte de Sergipe. Toloza chamou esse “alguém” de “outros”, possivelmente serem “outros principais”.

Lourenço é visto como “homem”, no sentido de ser mais um colonizador, de conduzir os índios para a escravidão, de fazer ‘o mal’. Ele não aparece no sentido de ser um aliado, um benfeitor dos índios.

A saída em massa das aldeias para não receber Lourenço e os demais missionários foi uma outra atitude contrária a expansão das missões, Vejamos a frase: “desampararam suas aldeias e se foram a morar pela terra dentro...”. Estas frases apontam as resistências e nos sugere pensar aqueles que aceitavam as missões.

1. Se alguns principais percebiam Lourenço como “homem”, há os outros principais que o via como “missionário”, em outras palavras como protetor.

2. Havia as aldeias para receber o missionário como existiam

as que migraram recusando-o.

Pensemos mais um pouco sobre os exemplos de atitudes de resistências que a carta registra. Será que Lourenço quer expor essas resistências como exceções, como ações de uma minoria? De novo estamos retornando as indagações acima. De fato podemos acreditar que as resistências eram de uma minoria? Tolosa dar sinais na carta que sim. Ele dar exemplo da divisão entre os que resistiam aumentando os “aliados”. Entre os “resistentes” havia aqueles que desistiam “alguns se separaram do principal, se vieram a meter com os nossos, que devem ser os que Deus escolheu para bem-aventurança”.

(5) O batismo em enfermos constituiu outras atividades importantes dos missionários. Neste trecho da carta existe o destaque de três batismos. O autor sempre frisa no final que depois de batismo o enfermo foi a “pouco gosar do seu creador”. Essa atividade missionária não deixava também de ter uma pedagogia voltada para a educação cristã. Por detrás do ritual de batismo do enfermo havia toda uma pompa “que tornou todos os gentios atônitos vendo aquilo”.

Observe atentamente quem é que chamava o padre para o batismo do enfermo. Tolosa quer dizer que era o próprio índio que chamava o missionário para batizar seu parente ou conhecido em estado terminal de vida.

(6) Retornemos neste item a questão das atitudes daqueles que eram contrários a expansão da cristandade, as missões de Lourenço e seus companheiros.

Na carta há um nome específico para denominar o que atrapalhava a “obra” dos inacianos: o “demônio”.

Espero que você tenha recordado a aula x quando falamos sobre a crença do domínio do demônio no mundo e o que se tornava necessário fazer para combatê-lo. Leia mais uma vez a lição para compreender melhor o que estamos apreendendo neste trecho da carta.

O demônio é destacado como aquele que começava “tirar-lhe as almas da bocca”, “senhoreava”, “levantava tempestades” e “se urdia”.

Existiam vários meios de o demônio agir entre os índios, escreveu Toloza. Um era estimulá-los a fazer. Outro, pregar que os padres tinham por costume “ajuntar os índios, fazer-lhes alegria e depois, captivá-los e entregá-los aos brancos”.

Neste trecho há também a citação de outros meios que o demônio agiu para impedir a “obra”. Toloza refere-se que brancos vindos com os padres estavam a serviço do demônio. Mas porque o destaque do inimigo chamado “demônio”?

Toloza ao referir na carta que há “bons princípios da conversão dos gentios” assinala o que pretendia expressar neste item da carta que trata da notificação sobre o “inimigo” das missões. Assinala nesta frase o avanço dos trabalhos dos jesuítas.

Idem quando se referiu que “nem aquilo havia de ser bastante para deixá-los.” Esta frase dita por Lourenço em referência ao que ocorreu com a morte dos maridos das índias da aldeia Santo Antônio, quer dizer que nem nas dificuldades os missionários desistiam. Eles aparecem como aguerridos a causa como soldados da companhia de Jesus a serviço da cristandade.

Como estamos estudando a Carta de Tolosa em três partes e o conteúdo é semelhante nas três, faremos a conclusão na próxima aula, no encerramento da leitura.

CONCLUSÃO